

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Kiev aceita negociar plano de paz dos EUA

Presidência ucraniana diz que Zelensky está pronto para trabalhar no projeto, que, segundo informações extraoficiais, prevê a perda definitiva de território conquistado pela Rússia. Casa Branca diz que proposta é benéfica para os dois países

A Ucrânia está disposta a negociar o plano apoiado pelos Estados Unidos para pôr fim à guerra entre o país e a Rússia, apesar das restrições iniciais ao texto. O gabinete do presidente Volodymyr Zelensky confirmou ter recebido um "projeto" e que estava pronto para trabalhar sobre seu conteúdo.

Kiev e seus aliados, num primeiro momento, manifestaram preocupação com o fato de a proposta acolher muitas exigências de Moscou. No fim da tarde, o governo do presidente norte-americano, Donald Trump, insistiu que o plano é benéfico para russos e ucranianos, na primeira confirmação oficial sobre a iniciativa.

O governo ucraniano não revelou os pontos do projeto, mas um alto funcionário familiarizado com o assunto disse à agência de notícias France Presse (AFP) que o esquema, supostamente, inclui demandas importantes da Rússia que a Ucrânia rejeitou no passado, como anexação de território, e equacionou a uma capitulação.

Revisão

Em conversa com os jornalistas que fazem a cobertura da Casa Branca, a porta-voz Karoline Leavitt disse que o enviado especial norte-americano Steve Witkoff e o secretário de Estado Marco Rubio tinham trabalhado "discretamente" no projeto durante um mês. "Está em processo de negociação e ainda está em revisão, mas o presidente apoia esse plano. É um bom plano tanto para a Rússia quanto para a Ucrânia, e acreditamos que deveria ser aceitável para ambas as partes", declarou.

O projeto foi revelado na véspera pelo veículo de informação norte-americano Axios, que



O líder ucraniano cumprimenta o secretário de Exército norte-americano, Daniel Driscoll: projeto de 28 pontos reduz força militar do país

publicou uma notícia segundo a qual Washington e Moscou trabalhavam em sigilo em um plano para a Ucrânia.

Ontem, após as confirmações, a Presidência ucraniana informou que Zelensky espera conversar com Trump, nos próximos dias, sobre opções diplomáticas disponíveis e os pontos cruciais necessários para a paz.

A divulgação da elaboração de um acordo de paz coincidiu com a tomada de Kupyansk reivindicada pela Rússia na frente oriental da Ucrânia. O Exército de Kiev negou ter perdido essa localidade-chave, ocupada por Moscou no início da guerra, em 2022, e recuperada posteriormente.

De acordo com informações extraoficiais, o plano de paz tem 28

pontos. O projeto incluiria o reconhecimento das conquistas russas na Ucrânia, como a Crimeia, sob o domínio absoluto de Moscou desde 2014.

Atualmente, a Rússia ocupa aproximadamente 20% do território da ex-república soviética. Em 2022, o Kremlin reivindicou a anexação de quatro regiões administrativas da Ucrânia

— Donetsk, Luhansk, Zaporizhzhia e Kherson —, embora não as controle na totalidade.

Apesar de as autoridades ucranianas terem afirmado diversas vezes que nunca reconheceriam o controle russo sobre seu território, recentemente elas vêm admitindo que poderiam ser forçadas a isso.

O texto também inclui uma redução do Exército ucraniano para

400 mil efetivos, inferior à metade de seu tamanho atual, disse a fonte ouvida pela AFP. Por fim, Kiev renunciaria às armas de longo alcance. Outros meios informaram que, pelo plano, estaria completamente proibido o destacamento de tropas ocidentais na Ucrânia.

Garantias

Todas essas condições se encaixam nas demandas russas. A Ucrânia quer garantias de segurança dos países ocidentais, entre elas, uma força de paz europeia, para prevenir novos ataques russos. A proposta supostamente inclui disposições desse tipo.

Em entrevista coletiva, a alta representante da União Europeia para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança, Kaja Kallas, duvidou das demais intenções de Moscou. Ela assinalou que, se a Rússia realmente estivesse interessada em acabar com o conflito com a Ucrânia, o país teria aceitado o cessar-fogo incondicional que já estava em andamento.

"Uma paz duradoura vai requerer que ambas as partes aceitem concessões difíceis, mas necessárias", disse, por sua vez, o secretário norte-americano Marco Rubio. Segundo a análise do governo Trump, o plano "poderia dar novo impulso à diplomacia".

Ontem, Zelensky se reuniu com o secretário do Exército norte-americano, Daniel Driscoll, e oficiais da força. O encontro ocorreu um dia depois de o enviado de Trump, Witkoff, faltar a uma reunião com Zelensky na Turquia. A ausência de Washington supôs um duro golpe para Kiev, que esperava convencer Washington a pressionar a Rússia para deter sua invasão. O Kremlin não quis fazer comentários ao ser questionado a respeito.

"COMPORTAMENTO SEDICIOSO"

Trump menciona pena de morte contra democratas

Numa postagem em sua rede social, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, cogitou, ontem, a possibilidade de pena de morte para seis legisladores democratas por incentivarem militares a desobedecerem a "ordens ilegais" do governo. A oposição reagiu imediatamente à publicação, classificada como "um ultraje absoluto".

No fim da tarde, a Casa Branca negou que Trump queira a execução de democratas.

O magnata republicano fez a ameaça depois que um grupo de senadores e representantes democratas, todos com experiência militar ou nos serviços de inteligência, disseram, em um vídeo publicado na última terça-feira, que os militares "podem se recusar a acatar ordens ilegais".

Violência

Em resposta a repórteres que fazem a cobertura jornalística da Casa Branca, a porta-voz Karoline Leavitt afirmou que Trump não deseja ver integrantes do Congresso sendo executados. Ela questionou, porém, o comportamento dos legisladores democratas. "Por que não estão falando sobre o que esses membros do Congresso estão fazendo para encorajar e incitar à violência?"

Entre os parlamentares que participaram do vídeo, estão o senador Chuck Schumer, ex-presidente



A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, negou que o presidente queira a execução de opositores

queimam a chama da violência. "Quando Donald Trump usa a linguagem de execução e traição, alguns de seus simpatizantes podem ouvir muito bem. Estão acendendo um fósforo em um país mergulhado em gasolina política", afirmou.

Entre os parlamentares que participaram do vídeo, estão o senador Mark Kelly, ex-piloto de combate

da Marinha e astronauta da Nasa, e a senadora Elissa Slotkin, que serviu à CIA no Iraque.

Os legisladores asseguraram que não vão se deixar intimidar pelas ameaças de Trump, afirmando que eram "veteranos e profissionais da segurança nacional que amam o país" e que juraram defender a Constituição. "Esse juramento dura toda

a vida, e temos a intenção de cumprí-lo. Nenhuma ameaça, intimidação ou apelo à violência vai nos dissuadir dessa sagrada obrigação", afirmaram.

A administração Trump tem sido alvo de críticas pelo uso das forças americanas tanto dentro quanto fora do país. No âmbito doméstico, o governo republicano

ordenou o destacamento da Guarda Nacional em várias cidades, em muitos casos, contra a vontade das autoridades locais, sob a alegação de controlar supostos distúrbios. Essas ordens foram questionadas na Justiça.

No exterior, o chefe da Casa Branca ordenou ataques contra embarcações supostamente operadas por narcotraficantes no Mar do Caribe e no Pacífico, que deixaram 83 mortos desde o início de setembro. Especialistas afirmam que os ataques são ilegais e constituem execuções extrajudiciais, mesmo tendo como alvos narcotraficantes reconhecidos.

“

Trump acaba de pedir a pena de morte contra legisladores democratas. Um ultraje absoluto

Partido Democrata

Força

O chefe da Casa Branca também republicou a mensagem de um usuário que o instava a "enforçá-los", assinalando que o